

Cartografia Escolar

Gicélia Mendes
Luiz Carlos Sousa Silva



São Cristóvão/SE
2013

Cartografia Escolar

Elaboração de Conteúdo

Gicélia Mendes
Luiz Carlos Sousa Silva

Projeto Gráfico

Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

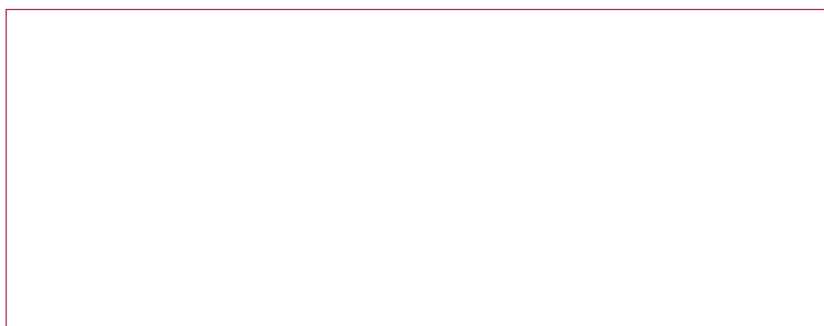
Copydesk

Flávia Ferreira da Silva

Copyright © 2013, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Aloízio Mercadante Oliva

Diretor de Educação a Distância

João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Vice-Reitor

André Maurício Conceição de Souza

Chefe de Gabinete

Marcionilo de Melo Lopes Neto

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Djalma Andrade

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira

Pedro Henrique Dantas Dias (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação

Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

Hermeson Menezes (Coordenador)

Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Marcel da Conceição Souza

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)

Eduardo Farias (Administração)

Paulo Souza Rabelo (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Raquel Rosário Matos (Matemática)

Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)

Carolina Nunes Goes (História)

Viviane Costa Felicíssimo (Química)

Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Laura Camila Braz de Almeida (Letras Português)

Lívia Carvalho Santos (Presencial)

Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
A escola, o Professor e a Aprendizagem	07
AULA 2	
Geografia e leitura de Mundo.....	21
AULA 3	
Situando a Cartografia Escolar.....	31
AULA 4	
A Cartografia e a construção do conhecimento.....	43
AULA 5	
O uso do Google Maps com Street View.....	55
AULA 6	
Outros modos de representação do Espaço Geográfico.	69
AULA 7	
Mesmas representações, muitos sentidos	77
AULA 8	
MAPAS: realidade e representação.	89
AULA 9	
Mensagens E Conteúdos Contidos Nos Mapas.....	99
AULA 10	
Professor: um aprendiz	109

Aula 1

A ESCOLA, O PROFESSOR E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

META

Refletir acerca da aprendizagem significativa para alunos e professores.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:
discorrer sobre a importância de aulas construídas a partir de elementos significativos para o aluno e para o professor;
discutir acerca da importância da compreensão das diversas linguagens para a leitura do mundo.

PRÉ-REQUISITO

Aulas 01 e 02 da disciplina Laboratório de Ensino em Geografia.

Gicélia Mendes
Luiz Carlos Sousa Silva

INTRODUÇÃO



<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=o%20mundo%20e%20o%20lugar&bav=on.2>

Caro aluno,

O convite que faço a você é para mergulharmos no universo de possibilidades que o trabalho com a cartografia nos proporciona para sermos professores de geografia criadores de sentidos e fazedores de histórias. Criadores de sentidos trazendo para o fazer pedagógico, elementos que tenham significado para a vida dos nossos alunos. Fazedores de histórias no processo de partilha do ensinar e do aprender geografia na escola. Sim, também na escola, mas trazendo para ela elementos do cotidiano dos alunos porque serão eles, os alunos, e nós próprios, os professores, o combustível para a ressignificação das aulas de Geografia e de Cartografia.

Nesta perspectiva, durante as nossas aulas, trataremos de questões obre a escola, o professor, o ensino, a Geografia e a Cartografia de modo a que possamos, ao final do curso, dispormos de elementos que nos proporcionem maiores possibilidades de reflexão e de trabalho a partir da Cartografia no âmbito escolar.

Vamos refletir sobre estas questões?

A ESCOLA, O PROFESSOR E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.

Precisamos ficar atentos ao modo como trabalhamos os conteúdos em sala de aula de modo a torná-los significativos para os nossos alunos e, por que não dizermos, para nós professores. Os conteúdos trabalhados em sala de aula devem apresentar um caráter transformador para todos os envolvidos. Isto porque, como o professor deseja que os alunos entendam como importantes os elementos que ele próprio desconsidera como tal? A aprendizagem tem que ser significativa para ambos. É preciso que entendamos que professores e alunos estão em sinergias contínuas e que o sucesso do processo de ensino e de aprendizagem está a cargo de todos.

Diante de tantas transformações e de possibilidades de trabalho com as tecnologias, podemos talvez nos perguntar se, de fato, o professor pode ser importante neste processo ou se ele, diante das modificações ocorridas, já pode ser dispensado de sua função.



<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.moodle.ufba.br/file.php/8925/imagens>

Falamos em dar significado à aprendizagem para professores e alunos e, agora, levantamos esta dúvida de se o professor é ou não importante. Pois bem, para onde desejamos levar esta discussão? Será que o intuito é confundir as ideias ou será que, a partir de algumas colocações, desejamos refletir junto com você a verdadeira função da escola e do professor? O que você acha? Já de agora adianto que esta será uma pergunta que faremos a você no final desta aula.

Nesta sociedade tecnológica e da informação, percebe-se que a escola e o professor ainda encontram o seu lugar, dadas as peculiaridades e importância que assumem na sociedade. Os meios de comunicação e da informação têm imposto aos sistemas educacionais modificações substanciais nos modos como as relações entre os atores e o processo ocorrem. Isso porque, são muitas e variadas as agências onde o processo educativo pode ocorrer não se limitando somente ou prioritariamente à escola. O que fica claro é que a escola precisa se reestruturar para acompanhar as mudanças tecnológicas, assim como o professor deve assumir novas posturas e atitudes que deem conta destas transformações (LIBÂNEO, 2011).

Seguindo esta perspectiva, Libâneo (2011) lista alguns pontos que sinalizam para estas atitudes docentes na contemporaneidade:

1. Assumir o ensino como mediação: aprendizagem ativa do aluno com a ajuda pedagógica do professor.
2. Modificar a ideia de uma escola e de uma prática pluridisciplinares para uma escola e uma prática interdisciplinares.
3. Conhecer estratégias de ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender.
4. Persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a apreender as realidades enfocadas nos conteúdos escolares de forma crítico-reflexiva.
5. Assumir o trabalho de sala de aula como um processo comunicacional e desenvolver capacidade comunicativa.
6. Reconhecer os impactos das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula (televisão, vídeo, games, computador, internet, CD-ROM etc.)
7. Atender à diversidade cultural e respeitar as diferenças no contexto da escola e da sala de aula.
8. Investir na atualização científica, técnica e cultura, como ingredientes do processo de formação continuada.
9. Integrar no exercício da docência a dimensão afetiva.
10. Desenvolver comportamento ético e saber orientar os alunos em valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios. (LIBÂNEO, 2011, p. 30-45).

E os professores? Serão eles importantes?

Leia o Conto de Eduardo Galeano:



<http://3.bp.blogspot.com>

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!

Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTA0OTAwNg/>

Entendemos os professores como provocadores e incentivadores de aprendizagem. Partimos do princípio de que os professores têm algumas respostas, mas que, sem sombra de dúvidas, a maior parte delas encontra-se com os alunos. É, também, a partir dos questionamentos dos professores que as formulações, elaborações e respostas ocorrem. É a partir do que eles já conhecem e do contexto social no qual estão inseridos que a aprendizagem acontecerá de modo efetivo e significativo, incentivada, também, pelo professor.

As experiências vividas, as aprendizagens e as informações que os alunos trazem têm espaço na interação que se estabelece de forma a constituir um espaço intersubjetivo, de troca, de mediação de ideias e, também, de progresso intelectual. O professor tem bem clara sua posição (lugar que ocupa) e seu papel social (ator, enquanto transmissor de um conhecimento legitimado pela sociedade e, autor, enquanto criador de um saber). (TOSCHI, 2002, p. 25)

Há que considerar que o grupo é microssocial porque é representativo da sociedade maior a que cada participante faz parte. A relação que se estabelece é específica, dependente de cada um e de todos, requerendo do professor um conhecimento acurado de si mesmo e do seu papel. Um papel sumamente importante na organização das relações interpessoais mas que, por outro lado, exige a habilidade de discernir qual o tipo de interação é exigida a partir do “objeto” de conhecimento sobre o qual se estabelece a interação. (TOSCHI, 2002, p. 26)

É preciso que nos compreendamos enquanto pessoas plenas e, como tais, integremos as nossas várias dimensões: intelectual, emocional, comportamental. A Geografia e a Cartografia podem, neste sentido, fornecer instrumentos que agreguem possibilidades de integração destas dimensões para o entendimento do mundo e compreensão do espaço que nos rodeia. Enquanto professores, podemos investir nas potencialidades que cada um de nossos alunos traz de ser, ele próprio, agente de sua transformação e da transformação do mundo. É salutar para o processo de ensino e de aprendizagem trazeremos à discussão a integração do ser em suas diversas dimensões. Você concorda com isso?

A esta altura do texto você deve estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com a Cartografia Escolar, não é? Se você pensar desse modo, permita-me discorrer um pouco mais até responder-lhe a este questionamento. Se, por outro lado, você já compreendeu o porquê de toda esta discussão, sigamos adiante, nós e você, refletindo sobre todas estas questões.

Pensemos em como atuarmos na escola e nos desafios que esta jornada nos impõe. Dentro desta complexidade, Hernández (1998) propõe que atentemos para as seguintes perspectivas:

- a) Questionar toda forma de pensamento único, o que significa introduzir a suspeita sobre as representações da realidade baseada em verdades estáveis e objetivas;
- b) Reconhecer, diante de qualquer fenômeno que se estude, as concepções que o regem, as versões da realidade que representam e as representações que tratam de influir em e desde elas;
- c) Incorporar uma visão crítica que leve a perguntar-se a quem beneficia essa visão dos fatos e a quem marginaliza...
- d) Introduzir, diante do estudo de qualquer fenômeno, opiniões diferenciadas, de maneira que o aluno comprove que a realidade se constrói desde pontos de vista diferentes, e que alguns se impõem frente a outros nem sempre pela força dos argumentos, e sim pelo poder de quem os estabelece;

e) Colocar-se na perspectiva de um “certo relativismo” (Lynch, 1995) no sentido de que toda a realidade responde a uma interpretação, e que as interpretações não são inocentes, objetivas e nem científicas, e sim interessadas, pois amparam e mediam visões do mundo e da realidade que estão conectadas a interesses que quase sempre têm a ver com a estabilidade de um status quo e com a hegemonia de certos grupos. (HERNANDÉZ, 1998, P. 33)

Para Moran (2000, p. 12), o ensino de qualidade envolve as seguintes variáveis:

- uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infra-estrutura (sic!) adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas.
- uma organização que congregue docentes bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente; bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais, e onde haja circunstâncias favoráveis a uma relação efetiva com os alunos que facilite conhece-los, acompanha-los e orientá-los.
- uma organização que tenha alunos motivados, preparados intelectual e emocionalmente, com capacidade de gerenciamento pessoal e grupal.

Tudo isso é possível, tanto em termos individuais quanto coletivos, nas mesmas medidas desejáveis conforme exposto acima? Como estão as nossas escolas e nossos professores? Vamos refletir sobre isso?

Podemos pensar em dizer que o professor precisa ter compromisso com o seu aluno e que, apesar das condições adversas, o processo de ensino se dê de modo satisfatório para ambos, professor e aluno.

Nestas nossas buscas de pensarmos com você a respeito de como a aprendizagem pode ser significativa, dialogamos um pouco com Freire (2001) e concordamos com ele no sentido de que é necessário que o refletir sobre si e sobre o mundo faz toda a diferença em toda e qualquer ação que um ser execute.

Vejamos:

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no

seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser “fora” do tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser “seria” um perpétuo presente, um eterno hoje. A-histórico, um ser como este não pode comprometer-se; em lugar de relacionar-se com o mundo, o ser imerso nele somente está em contato com ele. Seus contatos não chegam a transformar o mundo, pois eles não resultam produtos significativos, capazes de (inclusive, voltando-se sobre ele) marca-los. (FREIRE, 2001, p. 16)

A partir das colocações de Freire refletimos sobre o que desejamos que nos marque neste mundo e qual marca queremos nele deixar. Entender o que para nós é significativo e buscar fazer as conexões necessárias para que a nossa existência possa ser comprometido com o bem comum.

Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, como já afirmamos, implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir. (FREIRE, 2001, p. 18)

Refletir sobre o mundo implica em ação. É no contato com as experiências que a maneira de existir do homem age sobre o mundo e transforma-o. Mas, como refletir sobre o mundo e como compartilhar das experiências que podem ser vivenciadas por cada um de nós. Estas possibilidades de ação no mundo estão condicionadas ao modo como nos posicionamos diante dele. Ao modo como nos colocamos diante da vida.

Freire (2001) lista algumas das características da consciência ingênua e consciência crítica que juntamos em um quadro que desejamos seja lido por você com um olhar reflexivo para que continuemos a nossa conversa.

Quadro comparativo entre a consciência ingênua e a consciência crítica, conforme Freire (2001)

CONSCIÊNCIA INGÊNUA	CONSCIÊNCIA CRÍTICA
Encara um desafio de maneira simplista ou com simplicidade. Não se aprofunda na casualidade do próprio fato. Suas conclusões são apressadas, superficiais.	Tende a aceitar formas gregárias ou massificadoras de comportamento. Esta tendência pode levar a uma consciência fanática.
Anseio de profundidade na análise de problemas. Não se satisfaz com as aparências. Pode-se reconhecer desprovida de meios para a análise do problema.	Substitui situações ou explicações mágicas por princípios autênticos da causalidade. Procura verificar ou testar as descobertas. Está sempre disposta às revisões.
É impermeável à investigação. Satisfaz-se com as experiências. Toda concepção científica para ela é um jogo de palavras. Suas explicações são mágicas.	Ao se deparar com um fato, faz o possível para livrar-se de preconceitos. Não comente na captação, mas também na análise e na resposta.
É frágil na discussão dos problemas. Parte do princípio de que sabe tudo. Pretende ganhar a discussão com argumentações frágeis. É polêmico, não pretende esclarecer. Sua discussão é feita mais de emocionalidades que de criticidades: não procura a verdade; trata de impô-la e procurar meios históricos para convencer com suas ideias. É curioso ver como os ouvintes se deixam levar pela manha, pelos gestos e pelo palavreado. Trata de brigar mais, para ganhar mais.	Repele posições quietistas. É intensamente inquieta. Torna-se mais crítica quanto mais reconhece em sua quietude a inquietude, e vice-versa. Sabe que é na medida que é e não pelo que parece. O essencial para parecer algo é ser algo; é a base da autenticidade.
Tem forte conteúdo passional. Pode cair no fanatismo ou sectarismo.	Repele toda transferência de responsabilidade e de autoridade e aceita a delegação das mesmas.
Apresenta fortes compreensões mágicas.	É indagadora, investiga, força, choca. Ama o diálogo, nutre-se dele

Diz que a realidade é estática e não mutável. Há também um a tendência a considerar que o passado foi melhor. Por exemplo: os pais que se queixam da conduta de seus filhos, comparando-a ao que faziam quando jovens.	Reconhece que a realidade é mutável. Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: construído a partir de Freire (2001, p. 40-41)

Analisando as características presentes em cada coluna que compõe o quadro acima, é fácil percebermos que a consciência crítica é a desejável, ao menos por aqueles que entendem o papel transformador que cada um deve exercer dentro do seu grupo social. E o que nós professores temos de responsabilidade sobre isso?

“Uma escola que objetiva preparar o cidadão do século XXI precisa abandonar a perspectiva da transmissão de conteúdos de disciplinas escolares para focalizar-se na formação de um aluno autônomo, ciente e atuante no mundo que vive” (LESSAN, 2009, p. 23)

Certos deste compromisso, estamos de acordo com o pensamento de Moran:

Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos – na família, na escola, no trabalho, no lazer, etc. Educamos aprendendo a integrar em novas sínteses o real e o imaginário; o presente e o passado olhando para o futuro; ciência, arte e técnica; razão e emoção. (MORAN, 2000, p. 13)

O real e o imaginário se fazem perceber na interdependência dos eventos que ocorrem em dois níveis geográficos: o nível do mundo e o nível do lugar (SANTOS, 2002). É neste contexto entre o local e o mundial que a educação se efetiva. É em meio aos “eventos” e aos “acontecimentos” que o ensino e a aprendizagem se efetivam, por serem “consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar no mundo” (SANTOS, 2002, p. 163). Desse modo,

Ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas também é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho, dentro do que está previsto para a maioria. A sociedade ensina. As instituições aprendem e ensinam. Sua personalidade e sua competência ajudam mais ou menos. Ensinar depende também de o aluno querer aprender e estar apto a aprender em determinado nível (depende da

maturidade, da motivação e da competência adquiridas). (MORAN, 2000, p. 13)

Neste sentido, professores e alunos estão envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem que se configura a partir das relações interpessoais e sociais. Os estilos desenvolvidos por cada um de nós, professores e alunos dará o tom para que as competências construídas no nível individual e coletivo possam ser colocadas em favor do desenvolvimento pessoal, intelectual e moral de todos os envolvidos no processo. É dentro deste contexto que a Cartografia Escolar encontrará abrigo em nossas discussões, enquanto campo de possibilidades para que o professor dialogue com os alunos utilizando-se da Cartografia, enquanto ferramenta, no âmbito escolar.

CONCLUSÃO

No processo de aprendizagem é preciso que o professor e os alunos estejam em sinergia quanto à seleção dos conteúdos a fim de que os mesmos tenham significado para ambos. Esta seleção deve ser feita, em primeira análise, a partir da vivência de cada um, sem que se perca o foco no que é essencial ser aprendido em momentos e contextos específicos.



RESUMO

Para que a aprendizagem seja significativa para professores e alunos é necessário que haja interação entre os envolvidos no sentido de que os elementos trabalhados tenham significado. Neste processo, a figura do professor é importante enquanto mediador do processo de aprendizagem. Cabe ao professor buscar os caminhos para que a aprendizagem ocorra de modo eficaz, colocando o aluno em contato com as ferramentas de que disponha para que a aprendizagem ocorra. Vimos que o professor pode, dentre outras possibilidades, lançar mãos dos recursos que a Geografia e a Cartografia reúnem para a integração das dimensões intelectual, emocional e comportamental enquanto facilitadoras do entendimento do mundo e compreensão do espaço que nos rodeia.



ATIVIDADES

A partir do que discutimos nesta aula e de sua experiência de vida, elabore um pequeno texto, com no máximo 100 palavras, discorrendo acerca da verdadeira função da escola e do professor.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a esta questão você precisa rever a aula fazendo as devidas conexões com a sua vivência.



PRÓXIMA AULA

Geografia e Leitura de Mundo



AUTO AVALIAÇÃO

Após esta aula, sou capaz de discorrer acerca da importância da aprendizagem significativa?

Se eu fosse questionado sobre este assunto, quais seriam meus argumentos para defender as ideias que tenho a respeito?

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 24ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HERNANDÉZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LESANN, Janine. **Geografia no ensino Fundamental I**. Belo Horizonte-MG: Argvmentym, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13ªEd. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manoel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, José Manoel; MASSETTO, Marco T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Papirus, 2000.

TOSCHI, Eny. O Espaço Intersubjetivo de Sala de Aula. In: SILVA, Lauraci Dondé da; POLENZ, Tamara (orgs). **Educação e Contemporaneidade: mudança de paradigmas na ação formadora da universidade**. Canoas: Ed, ULBRA, 2002.